

AS MANIFESTAÇÕES DE CATARSE NA OBRA HÉCUBA DE EURÍPEDES

Rayana Rezende Gomes Demétrio de Vasconcelos Barros¹

Resumo: *Este trabalho, cuja metodologia possui caráter documental, tem como objetivo relatar e discutir acerca da catarse na obra de Eurípedes, Hécuba. Buscamos especificar como as escolhas do autor sobre as ações, os aspectos físicos e mentais da personagem são capazes de desencadear terror e piedade. Para tal, usamos como aporte teórico Aristóteles (2006), Bocayuva (2011), Werner (2004) e Kibuuka (2006). Para atender os objetivos supracitados, iremos defender que a obtenção da purgação catártica em Hécuba é resultado de uma narrativa onde o autor, enquanto preceptor do leitor, mostra uma personagem temível pela hediondez de seus crimes e, ao mesmo tempo, capaz de gerar compaixão devido aos seus infelizes reveses. Destarte, para obtenção de tal purgação ou gozo, ao fim da tragédia, será preciso o espectador projetar o seu eu no personagem sucubindo-se as suas problemáticas e vicissitudes. Pontuamos ainda que a catarse será de extrema relevância para o funcionamento e o equilíbrio da Paideia, visto que, através do seu caráter didático, essa auxilia e promulga o equilíbrio do sujeito e do cosmos.*

Palavras-chave: *Hécuba; Eurípedes; Catarse.*

Abstract: *This work, whose methodology has qualitative and comparative documentary character, aims to report and discuss about catharsis in the work of Euripides, Hecuba. We seek to specify how the author's choices about the actions, the physical and mental aspects of the character, are capable of unleashing terror and pity. For this, we use as theoretical contribution Aristotle (2006), Bocayuva (2011), Werner (2004) and Kibuuka (2006). In order to meet the above objectives, we will argue that the attainment of cathartic enjoyment in Hecuba is the result of a narrative where the author, as the reader's preceptor, shows a fearsome character for the heinousness of his crimes at the same time understandable by his unfortunate setbacks. Thus, in order to obtain such enjoyment, at the end of the tragedy, the spectator will have to project his self into the character, succumbing to his problems and vicissitudes. We also point out that catharsis will be extremely relevant to the functioning and balance of Paideia, since, through its didactic character, it helps and promotes the balance of the subject and the cosmos.*

Keywords: *Hécuba; Eurípedes; Catarse.*

Introdução:

De todas as tragédias gregas que temos conhecimento, nenhuma consegue retratar tão bem a infelicidade quanto *Hécuba*, isso porque, no texto em questão, conseguimos perceber a dor e o sofrimento dilacerante da perda de uma mãe. Durante a trajetória do teatro grego e das múltiplas interpretações dos autores clássicos, temos a oportunidade de conhecer as diversas facetas de Hécuba, explorada em um viés único por cada um de seus autores que premeditam impressionar o leitor, fazendo com que este sinta temor e piedade no fim da leitura.

¹ Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Pernambuco

A personagem é considerada a mais importante troiana trabalhada por Homero (Kibbuka, 2011), visto que, na *Ilíada*, ela se configura enquanto rainha de Tróia e esposa de Príamo, sendo também mãe de dezenove filhos, muitos dos quais irão compor o arcabouço das tragédias gregas, como Cassandra e Heitor. Assim, a versão de Eurípides hibridiza as versões do ciclo troiano, o mito homérico e as interpelações do autor (Kibbuka, 2011) trabalhando a personagem enquanto uma criatura irada e consumida pelo desejo de vingança.

O início da tragédia é marcado pelo triste relato de Polidoro sobre sua cruel *moira*, o último Primida estava morto após a traição de seu hóspede trácio, Polimestor. Norteadada pelos dons da visão, Hécuba pressente o ocorrido e percebe que o cálice em que havia sido despejado suas derradeiras esperanças fora brutalmente esvaçalhado, e assim sendo, sua árvore genealógica estava em ruínas. Desta forma, ela descobre que sua filha, Polixena, foi designada à imolação do Deus Aquiles, restando a Hécuba apenas o desejo de vingança. Para tal fim, a personagem trama a retaliação de seu inimigo e, após cegá-lo e planejar a morte dos filhos do mesmo, a personagem consegue transferir para Polimestor a dor de sua perda.

O presente artigo pretende relatar e discutir os maniqueus de Eurípides na construção de sua tragédia. Procurando especificar como a formulação de uma Hécuba idosa, degenerada de seu posto de rainha, escrava e com um insaciável desejo de vingança, é responsável por encaminhar o leitor a sentir terror e piedade pela personagem, pressupostos caracterizados por Aristóteles (2011) como imprescindíveis para a realização da *catarse*.

Em princípio, é fundamental compreendermos o que seria *catarse*. Aristóteles (2011) advoga que esse processo é uma espécie de purificação que se efetiva ao fim da tragédia, resultado da purgação do terror e da piedade. Corroborando com tal pensamento, Queiroz (2011) expõe que a *catarse* representa uma interessante implementação nas maneiras de produção artísticas da Grécia Antiga, isso porque, anteriormente a Aristóteles, Platão havia condenado a arte por ser imitação de coisas fenomênicas, que são, por sua vez, nada mais do que uma cópia do mundo das ideias. Dessa forma, a arte é uma imitação da imitação, capaz de extenuar o verdadeiro até que este desapareça.

Para Aristóteles, a arte não irá reproduzir de maneira passiva a aparência das coisas, mas sim recriar uma nova dimensão, trabalhando conteúdos na esfera do possível

e do verossímil, sendo seus conteúdos universais. Significa, então, dizer que as tragédias não trabalham o homem comum, mas um arquétipo do homem grego, assim, serão retratadas ações e sentimentos comuns, sem serem vividas por pessoas comuns.

Discorrendo sobre as ações humanas na tragédia, também encontramos Bocayuva (2008), que concebe que se a vida é composta por constantes ações, ela implica constantes riscos. Assim sendo, todas as ações levam os personagens a erros com o qual eles precisam lidar de maneira menos catastrófica possível. A *hamartia*, na concepção do autor, não se contrapõe ao acerto, mas é uma necessidade de tomar decisões; assim, o herói trágico sempre comete falhas, sem ser necessariamente vil, mas sendo constantemente levado pela força da *hamartia*. Corroborando com os pressupostos evidenciados por Aristóteles, Bocayuva, ainda pontua que

A tragédia evidencia imitativamente a condição humana. A todo momento, estamos sujeitos a uma reviravolta interpretativa de nossas ações que pode nos ser favorável ou desfavorável em termos de bem estar. Se não podemos jamais ter controle sobre isso, pelo menos estarmos preparados para essa condição vulnerável já faz uma grande diferença. É nesse sentido que a tragédia é formadora do cidadão. Tudo está sujeito à mudança. Aprender a viver através da tragédia seria, portanto, aprender a estar pronto para descobrir mais uma vez o caminho que leva até onde já se está (BOCAYUVA, 2008, p.12)

Nessa fala, a autora evidencia como a tragédia é atuante na comunidade Greco-Romana, e como, até hoje, é eficiente na maneira como encaramos o mundo e sua interpelação, visto que através dela conseguimos compreender mais sobre nossas próprias vivências e ações. A autora ainda conclui que a cada interpretação, seja ela qual for, somos sempre os responsáveis pelo que fazemos, ou seja, a própria maneira que encaramos e internalizamos a tragédia diz muito mais sobre nós do que sobre a ação dramática. Dessa forma, podemos dizer que toda tragédia possui como finalidade levar o espectador à catarse, mas como este se manifestará após a catarse é de cunho extremamente pessoal.

Avançando nas discussões, é preciso pontuar como a personagem Hécuba é encarada dentro das artes clássicas. Kibuuka (2011) nos conta que a personagem é uma das mais representadas do teatro grego, aparecendo em oito peças, ou seja, um quarto do *corpus* supérstite dos trágicos. Embora tenhamos um número estonteante de distintas Hécubas, uma vez que cada autor recria sua personagem de maneira própria, é apenas na obra de Eurípedes que ela passa a ser protagonista.

Dialogando com o pensamento de Kibuuka, podemos afirmar que esse caráter voluptuoso da personagem será fundamental para a catarse na obra de Eurípedes. Embora o autor não se prontifique de maneira explícita a nos mostrar todo o arcabouço de hécubas existentes, elas são pinceladas, sutilmente, no trabalho do autor. Desta forma, conhecemos uma Hécuba abarrotada de referências, capaz de ser compreendida apenas pela obra de Eurípedes, mas que pode ser melhor explicada quando observamos toda a sua trajetória.

Para desenvolver esse trabalho, pretende-se analisar como ocorre a catarse na obra de Eurípedes, *Hécuba*. Para tal fim, será estudado como se deu o processo de criação da personagem, que destoa em idade e personalidade da *Hécuba* explicitada na *Ilíada* de Homero; sendo levados em consideração também os aspectos físicos e psicológicos traçados por Eurípedes na constituição de sua personagem. Destarte, não excluimos a possibilidade dessas alterações serem responsáveis por construir uma narrativa capaz de, como bem postula Aristóteles, levar o leitor a sentir terror e compaixão pelos personagens. O embasamento teórico do trabalho foi pautado nas elucidações propostas por Aristóteles (2014), Bocayuva (2008) e Kibuuka (2011) e Werner (2004).

Ao explicitar o que seria uma tragédia, Aristóteles advoga que:

A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; deve ser composta em um estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas; na tragédia, a ação é apresentada não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções (ARISTÓTELES, 2014, p.29)

Se bem compreendemos tal explanação, a tragédia deve ser escrita com o intuito de conduzir o leitor a uma catarse, que aqui compararemos a uma espécie de purgação, onde a plateia consegue através da compaixão e do terror, uma purificação física e mental.

Tal purgação, como aqui apresentada, parece liberar no sujeito uma sensação de completude e satisfação pulsional, fazendo com que este sintase saciado em relação a seus sentimentos apenas com a encenação artística apresentada no palco. Pois bem, se nesse trabalho nos propomos a analisar como se dá essa purgação catártica em Hécuba, precisamos compreender as escolhas de Eurípedes na hora de representá-la.

Como bem postula Aristóteles, o ser humano possui uma tendência instintiva para a imitação, obtendo desta um enorme prazer e satisfação. Essa imitação se dá a partir da observação da natureza e das ações humanas, assim, os seres mais capacitados da espécie se propõem a imitá-las criando a poesia.

Dessa forma, as tragédias na Grécia Antiga são construídas através da imitação de mitos consagrados. O autor reconstrói o mito de acordo com sua vontade, criando personagens arquetípicos de comportamento extremista. Suas ações não pretendem representar ações corriqueiras do homem comum, mas se apresentam na qualidade de protótipos de um povo, o povo grego. Por essa razão, se analisarmos algumas ações, ou, especialmente, sentimentos individuais, é possível acontecer a identificação com alguns personagens. Como bem pontua Aristóteles

A parte mais importante é a da organização dos fatos, pois a tragédia é imitação não de homens, mas de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade (pois a infelicidade resulta também da atividade), sendo o fim que se pretende alcançar o resultado de uma certa maneira de agir, e não de uma forma de ser. (ARISTÓTELES, 2014, p.12)

A personificação de Hécuba em Eurípedes

Pois bem, como cada autor possui a liberdade de esculpir sua tragédia, assim também faz Eurípedes, uma vez que sua obra possui evidentes diferenças se a compararmos com a retratação proposta por Homero, por exemplo. O autor, ao construir sua Hécuba, modifica e acrescenta alguns aspectos na personalidade da personagem, tornando-a consoante com uma personagem idosa que vivenciou inúmeras situações trágicas, anteriores ao início da narrativa.

Se compararmos a Hécuba trabalhada na *Ilíada*, que é, antes de tudo, rainha e mãe (mas já abençoada com o dom da visão), ela apresenta uma personalidade que pode ser adjetivada como piedosa, bondosa, caridosa e boa mãe. Conseguimos ver esses aspectos em trechos, como:

Foi nessa altura que a mãe **amorosa** ao encontro lhe veio,
Que acompanhava até a casa a mais bela das filhas, Laódice.
Toma-lhe a mão e, falando, lhe diz as seguintes palavras:
“Filho, a que vens aqui? Por que causa deixaste o combate?
Sim, certamente é mui grande a pressão dos malditos Acaios
contra a cidade sagrada. Por isso, teu peito te trouxe,
para que do alto da acrópole a Zeus as mãos ambas alcançasses.
Pára, aqui, um pouco de vinho mais doce que o mel vou buscar-te
para que libes a Zeus e às demais divindades eternas,
e tuas forças restaures, também, pós haveres bebido.
Tônico é o vinho, excelente, para o homem no extremo das forças,
Tal como te achas, de tanto lutar em defesa da pátria. (Ilíada,2015, p. 251)

Filho querido, respeito e piedade a estes seios demonstra.

Lembra-te quando te punha a mamar para o choro acalmar-te.
Vem para dentro, meu filho, e daqui, **resguardado, defende-te.**
Contra este monstro; não podes, sozinho, com ele medir-te.
Se te matar, infeliz, não virei a chorar-te, no leito
em que jazeres, pimpolho querido de minhas entranhas,

nem tua esposa de dote copioso; mas, longe de todos,
junto às naus dos argivos, aos cães servirás de repasto. (Ilíada, 2015, p. 256
grifo nosso)

Na tragédia de Eurípedes, no entanto, temos uma rainha vendida e estuprada, onde seus filhos e filhas foram subjugados e mortos. Eurípedes, ao construir uma personagem tão complexa, nos apresenta mais dois de seus filhos que não conhecíamos na Ilíada, são eles Polidoro e Prolixa, que são mortos respectivamente por assassinato e por imolação ao Deus Aquiles.

A personalidade da personagem torna-se, então, consoante às experiências dela, e suas ações serão coerentes com suas emoções. Logicamente, não esperamos de uma mãe traída, vendida e estuprada, características como bondade e caridade, pois se assim o fosse, haveria uma quebra da mimese; ela precisa ser representada como uma mulher forte e marcada por seus tirocínios.

Não obstante, a escolha de Eurípedes na formulação dessa personagem não é aleatória, ela desempenha seu papel de mulher maltratada e cruel desde o início da narrativa, esse recorte do *corpus* na vida da protagonista feito pelo tragediógrafo, não mostra uma falta de representatividade com o começo de sua história, mas pode ser explicado pelos seguintes trechos de Aristóteles na *Poética*

Em primeiro lugar é óbvio não ser conveniente mostrar pessoas de bem passar da felicidade ao infortúnio (pois tal figura produz não temor e compaixão, mas uma impressão desagradável) (ARISTÓTELES, 2014, p. 6)

Mas Homero, que nisto como em tudo é o que mais se salienta, parece ter enxergado bem este ponto, quer por efeito da arte, quer por engenho natural, pois, ao compor a Odisséia, não deu acolhida nela a todos os acontecimentos da vida de Ulisses, como, por exemplo, a ferida que recebeu no Parnaso ou a loucura que simulou no momento da reunião do exército (ARISTÓTELES, 2014, p.16)

Compreende-se, então, que o texto precisa ser uníssono do começo ao fim, para assim causar a purgação catártica no leitor. Os personagens, por sua vez, não podem transacionar de posição social no meio da narrativa de maneira díspar, não sendo também plausível contar toda a história de um personagem, sendo mais interessante delimitar uma passagem de sua história para ser narrada. A escolha por uma Hécuba envelhecida e escrava, desde o início da história, evita esse confronto, e o autor não precisa lidar com o processo de acomodação da personagem em seu novo status. Obviamente, não estamos afirmando que Hécuba está conformada em sua nova situação, mas há um inegável nível

de aceitação da personagem a seu fado. Ela o lamenta, mas não é algo que ela busque irrevogavelmente modificar.

Assim, no fim da história, não estamos defronte a uma ex-rainha que procura vingança porque deseja voltar ao seu antigo status, mas sim, de uma mãe que perdeu tudo e procura expurgar esse sentimento de perda, através da vingança. A catarse, no caso de Hécuba, assim como o de Medeia e Andrômaca, não parece ser apenas do leitor, mas também das personagens, uma vez que as protagonistas procuram expelir seu ódio através da morte de seus inimigos, nos causando uma descarga momentânea de todo ódio e desejo que recalamos.

Das partes que compõem a tragédia

Antes de adentrarmos no conceito e na explanação propriamente ditas da catarse na *Hécuba* de Eurípedes, precisamos discutir as demais partes constitutivas do texto que a enveredam. Inicialmente, podemos comentar os *personae dramatis* que são encontrados na narrativa. Aristóteles assente, na Poética, que as tragédias tendem a ser compostas por poucos personagens, e assim é feito por Eurípedes.

Apresenta-se, enquanto protagonista da peça, Hécuba - que nomeia e dá voz a narrativa, sendo-nos contada parte de sua história. Os personagens secundários são: 1) o fantasma de Polidoro (filho de Hécuba); 2) Odisseu (mensageiro que avisa sobre a morte de sua filha, e a leva para imolação); 3) Polixena (filha a ser imolada); 4) Agamêmnon (Rei de Tróia); e 5) Polimestor (Hospedeiro de Polidoro e seu assassino). Configuram-se enquanto figurantes: 1) a serva; 2) Taltíbio; e 3) as troianas.

A tragédia em questão apresenta-se em tempo cronológico (tempo da história) e tal qual a outras tragédias, como as de Édipo e de Sófocles, é a sucessão de acontecimentos narrados que marcam o tempo e o tom. A história de Hécuba também é contada de maneira psicológica, uma vez que suas angústias, ódio e desejo de vingança, ditam o tom.

Ampliando a discussão sobre tempo psicológico, Werner (2004) nos conta que, assim como As Troianas, Hécuba foi considerado um texto falho em seu lançamento. Isso porque ele poderia ser dividido em duas partes: I) O de sacrifício de Polixena, onde se inicia a tensão e as transformações psicológicas da personagem; e II) O desejo de Hécuba por vingança contra Polimestor, mostrando a corrupção completa da personagem. Uma

passagem de mãe protetora a uma mulher sem escrúpulos capaz de tudo para realizar seus objetivos. Essa discrepância de tempo narrativo será fundamental para a catástrofe na narrativa.

No que diz respeito aos elementos constitutivos da tragédia, Aristóteles nos diz ser necessário esta conter: peripécia, clímax, catástrofe, desenlace e hamartia. Na tragédia analisada, esses elementos se apresentam da seguinte maneira:

- ❑ A peripécia (Περίπτεια): é a mudança de sorte do personagem, sendo marcado na narrativa pela passagem do desconhecimento ao conhecimento. Em Hécuba, a modificação da trajetória apresenta a confirmação dada por Agamenon da morte de seu filho, culminando em Hécuba um desejo de vingança².
- ❑ O clímax: ocorrerá na narrativa quando, levada pelo ódio, Hécuba se vinga de Polimestor jogando-o no covil das troianas que o cegam e matam seus descendentes.
- ❑ A hamartia (ἁμαρτία): espécie de erro trágico acometido pela personagem. Apresenta-se no caso de Hécuba enquanto a confiança depositada em Polimestor, na guarda de seu último filho. É importante salientar que o erro trágico é responsável por culminar na peripécia.
- ❑ Desenlace: diz respeito às ações cometidas pela personagem após o nó. É preciso que ocorra através das ações do mito, através da ação. Um exemplo de desenlace se dá quando Hécuba é linchada pelo povo, uma vez que esta deixou cego Polimestor e assassinou seus filhos.
- ❑ Catástrofe: será desenvolvida no próximo tópico:

A purgação catártica em Hécuba

Chauí (1994 *apud* QUEIROZ, 2006) advoga que a finalidade da tragédia é formar o caráter, as virtudes e a educação da polis, para tal fim ela expõe que:

a tragédia [...] deve suscitar no espectador paixões que imitem as que ele sentiria se, de fato, os acontecimentos trágicos acontecem e devem, a seguir, oferecer remédios para essas paixões, fazendo o espectador sair do teatro emocionalmente liberado ou capaz de liberar-se do peso de suas emoções. O espectador deve aprender, pela imitação (pelo espetáculo oferecido), o bem e o mal das paixões, o que podem fazer de terrível ou benéfico para os humanos. (QUEIROZ, 2006, p.02)

² Se levarmos em consideração toda história de Hécuba, a peripécia seria, obviamente, quando está perde sua coroa, uma vez que a partir dessa perda, a vida da personagem torna-se um caos. Mas no âmbito da tragédia, levando em consideração a dicotomia apresentada por Werner (2004) é a parte que mais se enquadra.

Corroborando com as palavras da autora podemos pontuar que a finalidade da tragédia é transladar o leitor à tal purgação catártica, isso porque após assistir à peça, o espectador é levado a sublimar suas emoções e sentir que questões reprimidas foram momentaneamente resolvidas. O público vincula-se ao personagem e vivencia, através do que fora vislumbrado, suas emoções.

Se tal purgação ocorrerá a partir da sublevação da piedade e do terror, podemos qualificar a primeira a partir da comoção despertada ao assistirmos à aflição de alguém após ser acometido por um sofrimento imerecido. A segunda, por sua vez, enquanto espécie de desprazer desperto ao tomarmos conscientização da crueldade das ações e dos resultados destas na vida dos personagens e sabermos que estamos também expostos a sofrimentos parecidos. A catarse, como bem expõe Poddis (2008), irá expor a vulnerabilidade humana e as condições de existência que compartilhamos com os personagens.

Assim sendo, na tragédia de Eurípedes, *Hécuba*, verificamos a ocorrência de terror e piedade quando a matriarca articula, juntamente com as troianas, a cegueira de Polimestor e o assassinato de seus filhos. Hécuba, como podemos perceber, é guiada pelo desejo de vingança, ou seja, por seu *pathos*. É notório que somos sempre guiados a agir conforme nossas paixões e desejos, sendo nossas ações determinantes para a felicidade ou infelicidade.

Aristóteles, todavia, pontua que devemos, ao menos, tentar controlar certas paixões, pois apesar de termos todos um *pathos*, não há escapatória a não ser submetemo-nos a ele; as articulações no meio da trajetória que nos levam a cumpri-lo são humanas e decisivas para como ocorrerá a retratação de nossas vidas no tecido das moiras.

Durante todo o drama, Eurípedes cria um clima de tensão, levando-nos desde o início da tragédia a corroborar com os sentimentos de dor e ódio da personagem ao ver toda a desesperança e desolação em sua família. A cada instante, percebemos uma personagem incapacitada de agir por ser mulher e escrava e tendo como único amparo o dom da visão, que pode ser considerado tanto uma maldição, quanto uma prenda. A certeza da morte dos seus e a certeza que nada nunca ficaria bem vem inicialmente por essa aptidão.

Apesar de que, posteriormente, ela tenha conhecimento de que um jovem está morto e jogado ao mar, sua certeza é baseada no que ela já sentiu e não de uma

confirmação física trazida por algum soldado. Podemos pontuar ainda que se não fosse Hécuba, mas outra mulher, como Jocasta, por exemplo, que não era iniciada em tal mistério, talvez não reconhecesse no menino jogado nas águas o filho, tal qual esta não reconheceu em Édipo seu fruto.

Desta maneira, a personagem desenvolve uma espécie de niilismo onde não há esperanças, só há o vazio e a espreita da morte. Então ela age, pois acredita que já esperou demais e não há mais nada a se perder, exceto essa derradeira sensação de incapacidade perante seu destino. Hécuba era uma idosa e sua maldição fora, em vida, perder todos que amava. A personagem, então, tece uma vingança e por meio da consumação desta, apazigua-se.

Sentimos compaixão e afeto por essa senhora, que até em sua morte foi consoante com sua vida, ou seja, levada pelo amor, viveu e morreu pelo seu *pathos*. Ela mata os filhos de Polimestor para que ocorra essa transferência de dor, para que ele saiba como dói a perda de um filho, e o cega, para que ele, que estava cego pela ganância a ponto de infringir a lei, tenha marcado no corpo esse defeito moral. Quando ela se vinga, nos sentimos satisfeitos, pois é como se ela houvesse expelido através de suas ações todo um ódio reprimido que há em nós pelos nossos inimigos... É uma vingança que subsidia no leitor emoções que não podemos demonstrar, ou que não podemos vivenciar, exceto pela arte.

A própria metamorfose de Hécuba emite em nós uma catarse, pois quando nos é contado no texto o seu poder de se metamorfosear, ou seja, que ela pode ser transformada em uma cadela, esse ser reprodutor que morde, grita, enlouquece, mas não deixa de responder contra as ações que lhe são impelidas, nos traz essa sensação de força da personagem. Hécuba é dada a morte, mas vai com a cabeça erguida, atacando a todos que lhe machucam. Além dessa concepção, podemos compará-la, ainda, à figura de Cérbero, o cão que habita o Hades. Sendo o cão poderoso, defensivo e potente, ela é uma cadela por conseguir nos fazer supor essas impressões.

Outrossim, sucumbimos ao terror e à piedade na narrativa ao nos identificarmos com esta pobre mulher que, de maneira impetuosa, transforma suas astenias em uma forma eficaz de vingança. Apiedando-nos por ser uma ação planejada por Hécuba, essa figura insólita, que possui uma trajetória tão nefasta que, ao fazer Polimestor cegar-se e

sua prole ser assassinada nas mãos das troianas, se satisfaz como se houvesse assassinado todos aqueles que fizeram mal a ela e aos seus.

Ao mesmo tempo, sentimos terror pela maneira ardilosa como ela articula as ações, ao enganar o inimigo e o fazê-lo sucumbir nas mãos das troianas. A catarse na tragédia, no entanto, não aparece de maneira desproposital, é sinalizado por Aristóteles o caráter didático da tragédia, posto que ela visa manter o equilíbrio entre a humanidade e os cosmos. Desta forma, na medida em que o espectador assiste à tragédia, percebe as consequências dos atos cometidos pelos personagens, ponderando melhor suas ações, seus impulsos e suas paixões, poupando-se e aos outros de possíveis erros trágicos a serem cometidos em seu cotidiano.

Em Hécuba, a personagem, cansada e sucumbida pelo ódio, articula a cegueira de seu inimigo e a morte de sua prole, mas em sequência ela é sentenciada à morte, mostrando que, por mais aprazível mostre-se executar uma desforra, será sempre preciso acatar as leis Gregas.

Conclusão

A tragédia precisa se aprofundar nos sentidos inerentes da alma e dos *pathos* mais recalcados dos seres humanos, pois desta forma somos capazes de entrar em contato com certos sentimentos e purgá-los. Desta forma, pelo menos por alguns minutos, somos capazes de sentir uma espécie de prazer, ainda que, baseado em uma ação representada pelo outro. Hécuba é capaz de nos fazer purgar esses sentimentos através da sua vingança contra Polimestor.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética e Tópicos I,II, III e IV**. 2. ed. São Paulo: Hunter Books, 2014.

BOCAYUVA, Izabela. Sobre a catarse na tragédia grega. **Anais de filosofia clássica**, Rio de Janeiro, v. 2 n.3, p. 24-48, 2008.

EURÍPEDES. **Duas tragédias gregas: Hécuba e Troianas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

QUEIROZ, A. Sobre o conceito de catarse na poética de Aristóteles, Revista Entrelinhas, 2011. Disponível em:

<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Wf0fqr22GvEJ:https://revista>

s.cesmac.edu.br/index.php/entrelinhas/article/view/214/160+&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br Acesso em: 05 de jun. 2019.

HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Nova Fronteira, 2015

KIBUUKA, Brian Gordon Lutalo. A caracterização de Hécuba na Ilíada, no ciclo Troiano e no drama de Eurípedes. **Revista de Letras**, Brasília, v. 4 n.1 p. 48-55, 2011. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/2022> Acesso em 05 de jun. 2019

WERNER, Chistian. Introdução. In: EURÍPEDES. **Duas tragédias gregas: Hécuba e Troianas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.